

Itatiaia Patrulha: as histórias da vida

Sônia Caldas Pessoa*

Resumo: O presente trabalho enfoca entrevistas policiais radiofônicas do Programa Itatiaia Patrulha, da Rádio Itatiaia (BH/MG). O objetivo é analisar a estrutura das entrevistas com autoridades, vítimas e suspeitos, com base na Análise da Conversação – sistema de troca de turnos e de atos de fala –, comparando as interações nos três grupos de interlocutores. O comportamento linguístico dos falantes é escolhido de acordo com a temática abordada e adaptado na entrevista. Os interlocutores negociam as relações e se apresentam como co-responsáveis pela produção do discurso.

Palavras-chave: interação face a face, rádio, entrevista policial, mídia sonora.

*Mestre em Linguística pela UFMG, Professora de Radiojornalismo do Centro Universitário Newton Paiva, Coordenadora do Projeto de Estágio em Radiojornalismo Rede Mineira de Rádio e Centro Universitário Newton Paiva, Professora do Curso de Pós-graduação Criação e Produção em Mídia Eletrônica – Rádio e TV, do Centro Universitário de Belo Horizonte. O presente artigo integra a dissertação *Itatiaia Patrulha, as histórias da vida: a co-construção de identidades em programa policial radiofônico e foi apresentado ao NP 06 – Rádio e Mídia Sonora, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.*

O *Itatiaia Patrulha* é um programa popular que aborda, como a própria vinheta de abertura anuncia, histórias da vida cotidiana dos ouvintes. Transmitido de segunda a sábado entre 17h 05min e 17h 55min na Rádio Itatiaia, em Minas Gerais, em Amplitude Modulada (AM) e Frequência Modulada (FM), permanece como um *locus* de divulgação de notícias policiais, veiculadas especialmente por meio de entrevistas com autoridades, vítimas e suspeitos de crimes.

Dramas pessoais, casos de violência, assassinatos, incêndios, enchentes, desabamentos, seqüestros, roubos, acidentes de trânsito e tragédias diversas são pauta recorrente para jornalistas e entrevistadores do programa. Salomão (2003, p. 107) explica que a Rádio Itatiaia privilegia a veiculação de depoimentos que, sistematicamente, ressaltam as conseqüências e sofrimentos desencadeados por um desses acontecimentos. Diariamente, no *Itatiaia Patrulha*, esses tópicos são tratados a partir da perspectiva e da visão de mundo de vítimas, autoridades e suspeitos, que constituem os grupos de interlocutores centrais da nossa pesquisa. Essa pluralidade de participantes contribui para um universo diversificado de interações entre os entrevistadores e os entrevistados, em trocas conversacionais longas, que permitem a análise das estratégias discursivas adotadas pelos interagentes.

De maneira geral, o programa *Itatiaia Patrulha* tem a maior parte de suas entrevistas gravadas com antecedência. A produção jornalística do programa precisa garantir entrevistas que preencham os cerca de trinta minutos destinados à veiculação de informação. Os outros cerca de vinte minutos são preenchidos com comerciais distribuídos em blocos e veiculados nos intervalos das entrevistas. Mas muitas delas tentam simular o *ao vivo*. Ao evitar os recortes de perguntas dos entrevistadores e dos depoimentos dos entrevistados, que alterariam a estrutura e a forma da interação face a face, minimiza-se a consequência da edição da entrevista. Com efeito, tanto nestas entrevistas quanto naquelas que são transmitidas ao vivo, é possível encontrar exemplos onde há espontaneidade e imprevisto e não apenas a técnica de uma entrevista organizada com perguntas previamente elaboradas (Medina, 2002). Aos entrevistados é garantido o espaço para que participem de vários turnos de fala e não apenas de um ou dois, como se faz rotineiramente em outros programas jornalísticos.

Analisamos cinco entrevistas com autoridades, suspeitos e vítimas, com duração média de 3,5 minutos cada uma, realizadas entre março e dezembro de 2003. Durante as entrevistas ocorrem no mínimo três trocas de turno, geralmente com respostas mais longas, que perfazem até 14 linhas de transcrição. A maior entrevista reúne 42 trocas de turnos entre os falantes, com respostas curtas, que ocupam uma ou duas linhas de transcrição.

A Rádio Itatiaia é uma das emissoras mais tradicionais do estado de Minas Gerais. Inaugurada oficialmente em 20 de janeiro de 1952, dia do aniversário do seu idealizador e fundador Januário Carneiro, a emissora de-

tém 90% da audiência nos segmentos esportes, jornalismo e prestação de serviços,¹ podendo o *Itatiaia Patrulha* ser inserido nestes dois últimos. O primeiro programa do gênero policial lançado pela emissora é da década de 60. O *Rádio Polícia* noticiava os crimes cometidos em Belo Horizonte e abria espaço para os acusados (Martins, 1999). Durante a ditadura militar, os programas policiais, que não eram censurados pelo governo, ganharam espaço e foram importantes para a manutenção da audiência da Itatiaia. O programa policial foi adaptado e é, até os dias atuais, um dos atrativos da emissora.

O *Itatiaia Patrulha*, que está desde 5 de julho de 1975, é um programa dinâmico, com cerca de 50 minutos de duração, que mantém formatação sujeita a breves variações apenas em datas especiais ou quando fatos jornalísticos de grande repercussão são registrados em caráter excepcional. O programa atinge públicos variados. O perfil dos ouvintes, em maior número, é de homens das classes C, D e E, com idade entre 25 e 49 anos, moradores das regiões oeste e norte da Grande Belo Horizonte, de acordo com o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. O *Itatiaia Patrulha* registrou uma média de 112 mil ouvintes por minuto entre novembro de 2003 e janeiro de 2004 e cerca de um ano depois, entre outubro e dezembro de 2004, o número de ouvintes subiu para 136 mil por minuto, tornando o programa um dos recordistas de público dentro da própria emissora e o primeiro lugar em audiência no rádio em Minas Gerais no horário em que é veiculado.

¹ Rede Itatiaia. *Rede Itatiaia*. Belo Horizonte. Disponível em <<http://www.itatiaia.com.br>>. Acesso em: 13 fev. 2005.

Normalmente, o primeiro bloco do programa tem na abertura uma vinheta falada por um locutor diferente daquele que o apresenta. A vinheta anuncia: "Está no ar *Itatiaia Patrulha*, sinal de alerta contra a violência e o crime. *Itatiaia Patrulha*, as histórias da vida". Na sequência, outra vinheta, desta vez musicada, em tom alegre e bem mais suave que a anterior, identifica o apresentador do programa, o que cria uma certa empatia com os ouvintes. A seguir, são veiculadas as manchetes do dia, que trazem os destaques na cobertura jornalística policial e os temas polêmicos que serão abordados no programa. As manchetes são apresentadas, em geral, em formato de *teaser*, pequenas edições das falas dos entrevistados.

O *Itatiaia Patrulha* é dividido em quatro ou cinco blocos, de acordo com o número de reportagens a serem apresentadas no dia, que são intercaladas com anúncios comerciais. Após o intervalo comercial é tocada a vinheta do nome do apresentador, que comanda os repórteres na rua, as entrevistas realizadas no estúdio e, eventualmente, as entrevistas feitas via telefone. Em alguns dias, o próprio locutor vai às ruas para entrevistar os suspeitos de crimes. Além desses, participam do programa, como entrevistados, autoridades convidadas e vítimas que procuram a emissora.

Ao analisar a estrutura das entrevistas, percebemos características comuns a entrevistas em alguns dos grupos de interlocutores, no que diz respeito ao sistema de tomada de turnos (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974) e à sequência dos atos de fala (Searle, 1975), o que parece interferir nas estratégias linguísticas para preservação da face, escolhidas pelos falantes. O termo *face* é usado por Goffman (1967, p. 5) para definir

a imagem social que um indivíduo reivindica para si a partir da apreciação de seu comportamento em determinado grupo. Pode-se dizer que uma pessoa mantém sua face quando a sua linha de conduta ou seu comportamento torna pública uma imagem internamente consistente, que é sustentada pelos julgamentos e evidências conhecidos pelos outros participantes da interação. Valério (2003, p. 33) lembra que o "tipo de face de um indivíduo não é característica sua, mas sim um construto socialmente estabelecido, a expressão social do seu 'eu' individual".

É importante lembrar, neste contexto, a rotina da entrevista com a sequência de perguntas e respostas. As perguntas fechadas que sugerem respostas simplificadas no estilo sim ou não (Searle, 1975) ocorrem com baixa frequência nas entrevistas por nós analisadas no *Itatiaia Patrulha*, onde interessariam a informação e a riqueza de detalhes sobre determinado fato. As perguntas abertas, que dão ao entrevistado a oportunidade de comentar o assunto, são constantes em nossos dados.

Parece-nos que as perguntas, como atos de fala diretivos (Searle, 1975) que visam à condução do ouvinte para a elaboração da resposta, atingem os seus objetivos durante as entrevistas radiofônicas. Em alguns momentos, percebemos que a resposta que parecia ser esperada pelo falante não ocorre, mas o objetivo de obter uma resposta é alcançado pelo entrevistador. Raramente uma pergunta fica sem resposta verbal no rádio, a menos que o silêncio seja perceptível pelo público da emissora.

Percebemos que a estrutura da entrevista do ponto de vista da troca de turnos e da sequência dos atos de fala pode estar relacionada, entre outros fatores, à maneira de

sua veiculação na emissora de rádio e não somente ao grupo de interlocutores analisado. As entrevistas com vítimas e suspeitos, nas edições do programa analisadas, foram todas gravadas antes do programa. Talvez por terem sido realizadas com antecedência, essas entrevistas apresentem uma seqüência de atos de fala diferente daquelas realizadas com as autoridades, que foram veiculadas ao vivo em algumas ocasiões, ou seja, transmitidas diretamente para o rádio no momento em que estão ocorrendo. Esse pode ser um dos motivos que levam os interlocutores a se sentir sugestionados a realizar alguns atos de fala, como cumprimentos e despedidas.

Nas entrevistas ao vivo, o discurso vai sendo construído na medida em que é veiculado na emissora de rádio. Não há possibilidade de edição; tudo o que é dito vai diretamente para o ar, sem cortes na fala dos interlocutores. Por isso, as trocas conversacionais parecem se dar de maneira ainda mais espontânea do que nas entrevistas gravadas previamente. Os profissionais de rádio recorrem às entrevistas ao vivo, para, entre outros motivos, garantir imediatismo à produção jornalística.

Esse tipo de entrevista no programa policial cumpriria, entre outras, as funções de dar uma resposta imediata sobre determinado assunto abordado por outro entrevistado, de repercutir um tema polêmico surgido durante o programa ou de chamar a atenção do público para a importância de determinado fato. Essas entrevistas aparecem em momento destacado pelo entrevistador e podem significar até mesmo a retirada de outra entrevista do ar devido à sua importância e ao tempo necessário para a sua realização. A entrevista ao vivo é uma das vantagens do rádio perante os outros meios de comunica-

ção. É possível, através de um simples telefonema, atualizar uma informação ou complementar uma matéria. Muitas vezes, uma conversa para checagem de uma notícia se transforma em entrevista veiculada imediatamente no rádio, uma das formas mais rápidas de dar divulgação a um fato (Prado, 1989).

O espaço para os convidados que participam ao vivo é reservado nos dias em que fatos inesperados são registrados em Belo Horizonte ou em Minas Gerais. Quem ocupa esse espaço é a pessoa que está em evidência naquele momento. Pode ser uma autoridade, que tem informações novas sobre um caso que está sendo apurado, ou uma vítima, que ainda não havia se pronunciado sobre uma situação atípica. A participação de suspeitos ao vivo praticamente não ocorre, em função das próprias limitações que os envolvem do ponto de vista legal. Aqueles que são presos em flagrante normalmente são encaminhados para delegacias e penitenciárias e, obviamente, não têm muita oportunidade de ir pessoalmente ao estúdio ou conceder uma entrevista ao vivo da prisão, a não ser em situações excepcionais

Há registros de entrevistas ao vivo no *Itatiaia Patrulha* com presos que comandam rebeliões nas delegacias e penitenciárias do Estado. Eles usam telefones celulares para fazer contato com o entrevistador e apresentar publicamente as suas reivindicações. Em nosso *corpus*, no entanto, esse tipo de interação não ocorreu.

Encontramos apenas duas ocorrências de entrevista ao vivo no nosso *corpus*. Ambas fazem parte do grupo das autoridades. As entrevistas iniciam-se com uma abertura, na qual o apresenta o convidado, fornecendo o seu nome completo e o cargo que ocupa, o assunto sobre o qual ele vai falar e um cum-

primento ou mensagem de boas vindas. O entrevistador inicia, então, uma seqüência de atos de fala, que caracterizariam, de acordo com Schegloff e Sacks (1974), uma descrição tradicional da organização conversacional. Em outras palavras, tem início a formação de pares adjacentes de perguntas e respostas.

A abertura dessas entrevistas, então, reúne atos de fala expressivos (Searle, 1975), que servem para cumprimentar o interlocutor e demonstrar o estado psicológico do falante diante da situação social. Constatamos que a resposta preferida a um cumprimento nesses casos é positiva e pode demonstrar simpatia pelo interlocutor, ainda que o assunto seja desagradável. Esse tipo de resposta parece inevitável para quem pretende manter a cordialidade durante a interação que se inicia, conforme mostra o exemplo (1). Nessa fala, identificamos atos expressivos, que exerceriam a função de reafirmar as relações sociais. Além disso, parece que os falantes querem prolongar um relacionamento já existente, conforme o próprio entrevistador deixa transparecer tanto na abertura quanto no encerramento da entrevista, ao mencionar que a autoridade já havia participado do programa.

(1) eu vou conversar com o tenente coronel Anísio Moura que é comandante do batalhão rotam.. não é a primeira vez que ele vem ao programa para abordar esse assunto. coronel.. **boa tarde.** (E)

boa tarde (xxx).. boa tarde ouvintes da rádio Itatiaia. (A2)

Após a formação do par adjacente com a troca de cumprimentos, o entrevistador retoma o turno e desenvolve a conversa. Identificamos a partir daí uma das seqüências mais

comuns na interação espontânea, a de perguntas e respostas (Marcuschi, 1991). São constituídos, assim, novos pares adjacentes que vão compor a entrevista propriamente dita. O exemplo (2) é um recorte do tipo de pergunta precedida por um comentário do entrevistador, e de respostas que podem ocorrer nas entrevistas. A pergunta do falante, uma elicitación (Tsui, 1994, p.171), leva o interlocutor a se comprometer com o assunto abordado pelo primeiro. O entrevistador conduz a autoridade para uma avaliação que a envolva como responsável pelo problema, uma vez que ela fala em nome da corporação que representa, a Polícia Militar.

(2) **coronel.. o senhor acabou de ouvir essa pessoa que deu uma entrevista para a Grazielle. até.. a gente percebe claramente.. que é uma pessoa bem esclarecida.. que tá fazendo aí. um grande desabafo. como é que a polícia militar pode agir.. porque ontem no final do jogo do Cruzeiro.. eu conversei com o senhor por telefone e o senhor.. naquele momento estava dentro da Pedreira Prado Lopes já que que existiam três pessoas baleadas.. três inocentes.. um bandido morto e outro baleado na cabeça. o senhor estava lá dentro.. enquanto o Mineirão tava com oitenta mil pessoas. como é que o senhor avalia.. mesmo com a prisão do Ronei.. esse momento que a Pedreira Prado Lopes tá vivendo?** (E)

o momento.. realmente.. é um momento de muita preocupação. **e a avaliação que nós fazemos é que a polícia militar tem que adotar medidas no sentido de conter qualquer possibilidade de agravamento da situação.** essa pessoa que fa-

lou.. sugeriu que a polícia militar deve agir com um pouco mais de inteligência. eu não diria um pouco mais de inteligência.. não que ela não tenha feito isso.. ela deve procurar privilegiar/ (A2)

O fechamento conversacional nesses casos também é marcado por atos de fala expressivos. Os pares adjacentes aqui podem ser despedida-despedida, agradecimento-retribuição e convite-aceitação, para que a autoridade participe de entrevista em outra oportunidade. Nesse caso, é estabelecido um *footing de cordialidade e empatia*, a exemplo do que constataram Paiva e Rodrigues Júnior (2003), ao analisar fóruns *on-line* de discussão. No exemplo (3), o entrevistador agradece o convidado pela participação no programa. Esse, por sua vez, toma o turno e reitera agradecimentos e comentários sobre o tema em discussão. A autoridade dá a impressão de que não deseja encerrar a sua fala, já que insiste em fazer comentários enquanto se despede. Por fim, o entrevistador precisa dar por encerrada a questão uma vez que havia feito diversas tentativas de despedir-se do convidado.

Nesse momento, o entrevistador usa o seu poder de conduzir a conversa para determinar o encerramento da participação do outro, independentemente de estar em uma interação com uma autoridade militar, o que poderia significar a exigência de respeito e até mesmo uma certa submissão à fala do interlocutor. Ocorre aqui a interrupção do entrevistado pelo entrevistador, que parece típica desse tipo de interação ao vivo.

(3) **perfeito. muito agradecido** ao tenente coronel Anísio Moura.. comandante do batalhão rotam. coronel.. **boa tarde ao senhor.** (E)

boa tarde.. muito obrigado e bom trabalho. (A2)

muito obrigado. são cinco horas e vinte minutos. gente.. eu fiz questão de mais uma vez trazer o coronel Moura aqui.. exatamente pra mostrar à comunidade.. porque nós que somos repórteres de polícia.. nós sabemos da luta que a polícia tem contra o crime. (E)

Encontramos uma estrutura bastante semelhante em outra ocorrência de interação ao vivo. A abertura da entrevista se dá com atos expressivos, tal como acontece com a que foi descrita anteriormente. A apresentação do convidado é feita pelo entrevistador, que fornece o cargo e o nome completo do entrevistado, após o que ocorre a troca de cumprimento entre eles.

(4) cinco e vinte e oito. cinco horas vinte e oito minutos. recebendo aqui o **pastor Roberto Luis.** é o seguinte. **ele é do conselho criminal lá de Ribeirão das Neves.** tá com uns dados aqui terríveis e aí já foi até o governador do estado.. foi até inclusive ao secretário e tal. **boa tarde.. pra/ prazer tá recebendo o senhor aqui pastor.** (E)

prazer é meu Paulo.. boa tarde. boa tarde aos ouvintes da Itatiaia. (A1)

A diferença entre as duas interações mencionadas é percebida, no entanto, na sequência de perguntas e respostas que fariam parte da entrevista. O entrevistador e a autoridade parecem participar de um bate-papo informal, com as perguntas sendo substituídas por atos de fala informativos (Tsui, 1994). O exemplo (5) mostra que a autoridade civil e o entrevistador compartilham opiniões sobre

a violência em determinada área da Região Metropolitana de Belo Horizonte. A entrevista, então, seria deixada de lado para que os interlocutores troquem idéias e façam avaliações sobre o tema em debate. Essa postura ocorre em praticamente toda a interação, diferentemente das outras entrevistas analisadas.

(5) **a gente pastor até comentava** depois da.. que a polícia ficou lá um tempo.. lá no Riacho das.. no Ria/ no.. (no) (E)
 (no Cabana) (A1)
 no Morro das Pedras. (E)
 no Morro das Pedras. (A1)
 e no Cabana.. o senhor viu como é que tá a situação. (E)

exatamente. na na gestão do coronel Murta.. naquele episódio que foram assassinados cinco jovens.. a polícia ocupou o morro.. né.. e diminuiu em noventa e cinco o índice de criminalidade. mas só que não continua.. não há solução de continuidade nos trabalhos /.../. (A1)
 /.../.(tá provado então) onde a polícia tá não precisa daquele aparato de helicópteros não. bota uns três policiais lá.. pô. (E)

exatamente. algumas poucas viaturas.. policiais educados.. porque tão mexendo com gente. não é porque é favelado (que) /.../ (A1)

O encerramento da interação se dá com atos de fala expressivos, por meio dos quais os interagentes se despedem e desejam um ao outro um bom final de semana. Mais uma vez, cabe ao entrevistador determinar o momento em que a conversa deve ser finalizada. No instante em que considera adequado, ele se responsabiliza pelo agradecimento e pelo

encerramento do turno do convidado. A autoridade, ao contrário da que participou da primeira entrevista comentada, deixa transparecer que entende o contexto e respeita a proposta do interlocutor. Ela não tenta manter o turno ou fazer novos comentários após o encerramento anunciado pelo entrevistador.

(6) o delegado lá.. o homem sério.. teve que manter um preso algemado dois dias na.. lá na escada da seccional Centro enquanto aguardava uma vaga pra levá-lo pra delegacia. (A1)
 pastor.. um abraço.. muito obrigado meu querido. (E)
 (um abraço). (A1)
 bom final de semana (pro senhor). (E)
procê também.. Paulo. (A1)
 são cinco horas.. trinta e dois minutos. (E)

O segundo padrão de estrutura de entrevistas de acordo com a troca de turnos e a seqüência de atos de fala reúne a maior parte das interações que integram os nossos dados. Treze das 15 entrevistas analisadas foram gravadas antes do programa ir ao ar. As interações parecem refletir os resultados de uma conversa rápida, anterior à gravação, entre o entrevistador e o entrevistado, especialmente quando se trata do grupo das autoridades e das vítimas. No caso dos suspeitos, percebe-se que provavelmente essa conversa prévia não teve lugar, a julgar pelos atos de fala que dominam a entrevista.

Antes, porém, de comentarmos o sistema de troca de turnos e a seqüência dos atos de fala, é interessante abordar algumas características desse tipo de entrevista. O entrevistador realiza o procedimento jornalístico chamado de apuração antes de fazer a gravação da entrevista. Nessa conversa rápida, que

pode se dar com o próprio entrevistado ou com outra pessoa que tenha informação sobre o assunto, ele verifica alguns dados que lhe garantam a condição mínima para conduzir a conversa sem permitir que o entrevistado divague sobre o assunto. Ao mesmo tempo, é essa apuração inicial que vai gerar alguns elementos importantes para a elaboração das perguntas, que devem ser eficazes no sentido de estabelecer um clima comunicativo capaz de permitir a espontaneidade tanto do entrevistador quanto do entrevistado, envolvendo o ouvinte da emissora de rádio. A partir dessa rápida conversa, procede-se à gravação da entrevista.

O curioso na produção dessas entrevistas é a tentativa de simular uma conversa feita ao vivo. Apesar de terem sido gravadas, elas tentariam passar ao ouvinte a impressão de que a interação acontece de forma espontânea, sem cortes ou montagens nas falas dos entrevistados ou, até mesmo, sem inversão da ordem das perguntas, como é comum acontecer em alguns programas jornalísticos.

O *Itatiaia Patrulha* parece conseguir manter um estilo de produção que preservaria grande parte da naturalidade na conversa gravada. Como o próprio ritmo de captação de notícias e de entrevistas é intenso e há pouco tempo para editar o material que será levado ao ar, privilegia-se esse tipo de entrevista, que apresenta as perguntas e as respostas organizadas como numa conversa.

A abertura das entrevistas gravadas difere daquela adotada para as entrevistas ao vivo, apesar de contar com uma introdução para a conversa, feita pelo entrevistador, como parece lógico para a situação da entrevista. O entrevistador faz um resumo das informações principais do caso, em forma narrativa, e menciona o nome completo e a profissão

ou o cargo do entrevistado. A diferença em relação ao primeiro modelo é que essa fase da conversa não conta com os pares adjacentes cumprimento-cumprimento. Ao introduzir o tópico conversacional, o entrevistador inicia imediatamente a seqüência de perguntas e respostas que constituem a maior parte da interação, sem se preocupar em dar as boas vindas ao entrevistado.

Notamos ainda uma diferença em relação às entrevistas gravadas com autoridades e aquelas gravadas com suspeitos e vítimas. O entrevistador, apesar de não cumprimentar a autoridade, se refere a ela com uma certa intimidade. Ora o entrevistador chama a autoridade pelo nome, omitindo o seu cargo e dirigindo-se diretamente a ela para fazer a pergunta (exemplo 7), ora quebra a formalidade da entrevista adotando uma entonação de voz mais cordial e simpática (exemplo 8).

(7) três adolescentes aforam apreendidos no início da tarde de hoje.. depois de terem praticado um assalto a uma casa lotérica que fica na rua da Bahia com rua Timbiras.. no Centro de Belo Horizonte. os três entraram na casa lotérica.. renderam os funcionários e clientes e levaram todo o dinheiro do caixa. quando saíam da casa lotérica.. um dos funcionários resolveu seguir os assaltantes e acabou apontando os autores pra polícia. a gente vai conversar com o soldado Maia que é da quarta companhia. A quarta companhia que fica a menos de dois quarteirões do local onde os meninos entraram e levaram todo o dinheiro da casa lotérica. **Maia.. o rapaz acabou apontando os assaltantes pra vocês.. aí cês deram início à perseguição.** (E) [tirei negrito do “soldado Maia”, pois a in-

trodução do cargo do entrevistado mostra exatamente o contrário do que é falado no parágrafo anterior]

(8) sete pessoas.. dentre elas.. três menores de idade foram presas durante a madrugada de/ depois de terem assaltado.. agredido e roubado a arma de um policial militar no bairro Boa Vista.. região de Vespasiano. **quem vai contar a história pra gente é o delegado que tá respondendo pela delegacia do Morro Alto.. doutor. Ailton Aparecido Lacerda. que que essa moçada aprontou doutor. Ailton?**

Já as entrevistas realizadas com as vítimas evidenciam o desespero e o sofrimento dos entrevistados logo na abertura da conversa. A apresentação do interlocutor é feita com uma breve narrativa sobre o caso, seguida pelo nome e pela ocupação da vítima. Mas a fala dela é introduzida por meio de discurso indireto, o que elimina a primeira pergunta, como no exemplo (9). Não encontramos atos de fala que evidenciam cumprimentos ou outro tipo de recepção ao convidado, o que caracterizaria um certo distanciamento entre os falantes.

(9) **um caso chocante de abuso sexual de criança levou uma mulher ao desespero e aos limites do ódio no bairro General Carneiro em Sabará.. na região metropolitana da capital. dona Cléumia Regina dos Santos de trinta e dois anos.. foi hoje para a porta da delegacia da cidade pra ter certeza de que o homem suspeito de abusar do filho dela de apenas onze aninhos.. ficaria realmente**

trancafiado. o jardineiro e capoeirista Ronaldo Elias dos Santos de dezoito anos.. foi preso e levado para a delegacia depois de apanhar e muito da mãe do garoto que estava irada com o que aconteceu. principalmente porque depois de toda a violência sofrida pelo menino.. ela descobriu que o agressor pode estar com aids. **a mulher contou que o filho escapou das mãos dela pra cair nas garras do jardineiro numa fração de segundos. o garoto saiu de casa correndo depois de uma discussão boba com a mãe.** (E)

eu fui chamar a atenção dele.. ele fugiu pra .. pra rua. nele fugir pra rua.. esse cara pegou ele. eu procurando ele prum lado/ enquanto eu tava pro lado de cá.. ele tava pra esse lado de.. pra.. pra.. pra esse lado de cá. foi.. foi nessa hora que o cara pegou.. pegou e levou. ele ficou com ele de meia noite até seis hora da manhã. (V4)

Há uma ocorrência no nosso *corpus* na qual o entrevistador identifica a vítima pelas iniciais e não pelo nome completo: “para a viúva.. **FSC** de quarenta e quatro anos.. mãe de três filhos.. sobraram todos os sentimentos de quem vê uma longa jornada voltar à estaca zero”. Provavelmente isso ocorre a pedido da própria entrevistada, que não quer se identificar, como é comum em algumas situações jornalísticas. O procedimento costuma ser utilizado para preservar a segurança da vítima. As iniciais são usualmente um recurso para aqueles entrevistados que testemunharam um crime, se sentem em perigo ou vão fazer uma denúncia grave. Por isso, preferem manter o anonimato para evitar problemas decorrentes da entrevista. No

meio jornalístico, pode ser uma condição estabelecida pelo entrevistado para, por exemplo, que ele concorde em participar de um programa radiofônico ou televisivo. Outros entrevistados escolhem o anonimato para ter mais liberdade durante a interação, sem se preocupar em ser reconhecidos por ouvintes que, eventualmente, façam parte do seu meio social. Essa estratégia poderia ser uma maneira de se distanciar de uma imagem pública já consolidada. No exemplo citado, durante a entrevista, o entrevistador acaba chamando a entrevistada pelo primeiro nome, *Fernanda*, o que revelaria a sua identidade. Além disso, o nome completo do marido assassinado foi falado no ar.

As entrevistas com os suspeitos revelam uma estrutura semelhante às entrevistas com as vítimas, no que diz respeito à abertura sem cumprimentos, mas trazem uma distinção notável. Os entrevistados não são apresentados pelo nome, mas por termos genéricos ou artigos indefinidos, como mostram os exemplos (10) e (11). Nesses casos, não importaria quem está falando, mas o que ele está falando, o que caracterizaria, segundo Prado (1989), uma entrevista noticiosa.

(10) vou conversar **com eles** aqui. conversar com **um aqui**. diz ele/ **cê** tem dezessete anos mesmo? (E)
tenho. (S4)

(11) já? vou conversar com **o outro aqui**.. ele tem dezesseis anos.. faz dezessete agora no mês que vem.. é? (E)
nada a declarar não. (S5)

A seqüência de perguntas e respostas tem início logo após a abertura, como é comum a

quase todas as entrevistas analisadas. Encontramos perguntas que se encaixariam na categorização de Tsui (1994) para as subclasses de eliciações, especialmente para três tipos, que ocorrem com mais frequência: *inform* (que busca informação); *confirm* (que busca confirmação) e *agree* (que busca concordância) e suas respectivas respostas.

As eliciações que visam conseguir informação ocorrem com mais frequência em nossos dados, constatação que confirmaria a proposta do *Itatiaia Patrulha* de informar o público sobre os casos policiais de destaque e do entrevistador de levantar dados que detalhem o relato em curso. O exemplo (12) indica como esse tipo de pergunta é ainda mais comum nas entrevistas com os suspeitos. As respostas, por sua vez, podem ser, como nos exemplos, relatos, subclasse de atos de fala informativos que relatariam um acontecimento (Tsui, 1994).

(12) quem é que decidiu fazer esse assalto hoje? (E)
nós encontramos.. aí decidimos e fomos. (S4)
quem é que tava com as armas? (E)
eu tava com uma. (S4)

Buscar a confirmação do interlocutor para o seu enunciado é o objetivo do falante ao optar por uma eliciação confirmativa (Tsui, *ibid.*). Esse tipo de eliciação é comum nas entrevistas gravadas, principalmente naquelas realizadas com as vítimas. No exemplo (13), temos uma idéia de como a informação prévia obtida pelo entrevistador é usada a seu favor na entrevista na medida em que facilita a condução da pergunta, com o objetivo de obter uma determinada resposta. Nesse caso, assim como na maior parte dos depoimentos das vítimas, as respostas constituem atos

de fala expressivos, considerados por Tsui (*ibid.*), como uma subclasse de atos de fala informativos, que expressariam os sentimentos dos falantes. Esse seria um tipo de entrevista emocional (Prado, 1989).

(13) e ela sempre teve costume de brincar (na porta)? (E)

(sempre) teve costume de brincar.. jogar bola assim no passeio assim.. entendeu? sempre teve costume de ficar lá fora. (V3)

tava com os amiguinhos dela. (E)

tava.. ela.. os irmãos dela.. entendeu? a rua sempre fica movimentada de gente. (V3)

e a senhora dentro de casa? (E)

eu tava dentro de casa.. tava tomando banho.. entendeu? aí eu tomei banho e fui chamar eles pra poder passar pra dentro.. só escutei os disparos e ela entrando corren/entrando correndo gritando “ai mãe.. acertaram ni mim.. acertaram ni mim”. (V3)

(xxx) cheia de sangue? (E)

é ela tava sangrando.. tava sangrando. (V3)

O falante, ao escolher uma elicitación (Tsui, 1994), convida o interlocutor a concordar com a verdade da proposição. Esse tipo de questão pode vir acompanhado por pergunta posposta, como vimos na fala da vítima no exemplo (13). Em nosso *corpus*, essas elicitaciónes seriam usadas também pelo entrevistador para demonstrar que domina determinado assunto ou tem informação prévia sobre o tema em discussão. Ao mesmo tempo, ele precisaria da concordância do interlocutor para que a sua fala não pareça infundada perante o ouvinte da emissora (exemplo 14).

(14) um dos meninos chegou a levar o maior tomboço.. né.. (na hora da perseguição). (E)

(é). **é um deles sofreu uma queda** quando chegou na Curitiba com Goitacazes.. ele sofreu uma queda. (A4)

os três serão levados pro dopcad? (E)
com certeza. (xxx) (A4)

Há ainda o uso de elicitación que busca concordância nos casos em que o entrevistador tentaria passar ao interlocutor a idéia de que captou os seus sentimentos. Ele conseguiria resumir, em algumas palavras, o que apreendeu durante a conversa, como mostra o exemplo (15), no qual o enunciado também aparece acompanhado por uma pergunta posposta.

(15) porque a **família fica marcada..** né? (E)

pra sempre.. pra sempre.. é um/ pra sempre.. acabou.. acabou com a nossa família pra sempre. acabou. cadeia pra ele é muito pouco. é muito pouco.. o negócio dele.. é.. ele tem que morrer. e se eles colocar ele na rua.. eu vou matar. eu tou falando pu.. pu.. pu.. pro mundo inteiro escutar.. eu vou matar.. eu sou a mãe dele.. eu vou/ele num vai.. ele num vai/mãe nenhuma vai passar pelo que eu tou passando agora. mais mãe nenhuma porque se depender de mim.. eu vou matar esse cara (V4)

O fechamento das entrevistas gravadas, a exemplo do que ocorre com a abertura, não é formado por atos de fala expressivos e fica a cargo do entrevistador, que faz um comentário final (exemplo 16).

(16) bom.. é isso. o outro aqui é bravo.. né.. não fala não. pro rapaz ali ele fala. o terceiro adolescente de dezesseis anos foi levado pro hospital de pronto socorro João XXIII pra ser medicado e os três em seguida serão levados para o dopcad a delegacia de menores..depois serão encaminhados ao juiz de menor que vai dar um destino pros três aí. **repórter Shirley Barroso.**

A análise descritiva da estrutura das entrevistas do *Itatiaia Patrulha* reflete a negociação das relações entre os interlocutores durante a conversação. Apesar da assimetria entre entrevistador e entrevistado, em alguns momentos a entrevista ultrapassa a técnica e se apresenta como lugar privilegiado para a co-responsabilidade dos falantes na construção do discurso. A entrevista apresentaria as características da fala no rádio, que seria resultado, para Meditsch, baseado em Goffman (1981), da combinação de três tipos de produção da fala em uma sociedade letrada:

a recitação (de um texto memorizado), a leitura em voz alta (de texto ou de números não memorizados) e a fala de improviso ou instantânea (que seria a composição e codificação simultânea do texto sob a exigência de resposta imediata à audiência numa situação corrente). Meditsch (1999, p.117)

1 Referências

- GOFFMAN, Erving. *Interaction ritual; essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor Books, 1967.
- GOFFMAN, Erving. *A situação negligenciada* (1964). In: RIBEIRO, B.T., GARCEZ, P.M. (Orgs.) *Sociolingüística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 13-20.
- GOFFMAN, Erving. Footing (1979). In: RIBEIRO, B.T., GARCEZ, P.M. (Orgs.) *Sociolingüística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p.107-148.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem* (1993). São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).
- KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos* (1997). São Paulo: Contexto, 2000. (Coleção Caminhos da Lingüística).
- LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003. Série Princípios.
- MCLEISH, Robert. *Produção Radiofônica: um guia abrangente de produção radiofônica*. São Paulo: Summus, 2001.
- MEDINA, Cremilda. *Entrevista, o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 2002. Série Princípios.
- MEDITSCH, Eduardo. *A nova era do rádio: o discurso radiofônico enquanto produto intelectual e eletrônico*. In: DEL BIANCO, N.R. e MOREIRA, S.V. (Org.). *Rádio no Brasil: tendências e perspectivas*. Brasília: UNB, 1999. p. 109-129.

- OLIVEIRA E SILVA. Coleta de dados. In: MOLLICA, M.C. e BRAGA, M.L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 117-133.
- ORTRIWANO, G.S. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.
- PAIVA, V. L. M. O. e RODRIGUES JÚNIOR, A. S. *Fóruns on-line: intertextualidade e footing na construção do conhecimento*. No prelo.
- PRADO, Emílio. *Estrutura da informação radiofônica*. São Paulo: Summus, 1989.
- REDE ITATIAIA. *Rede Itatiaia*. Belo Horizonte. Disponível em <http://www.itatiaia.com.br>. Acesso em: 13 fev. 2005.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E. e JEFFERSON, G. *A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation*. *Language*, v. 50, p. 696-735, 1974.
- SALOMÃO, Mozahir. *Jornalismo radiofônico e vinculação social*. São Paulo: Annablume, 2003.
- SEARLE, John R. *s actos de fala: um ensaio de Filosofia da Linguagem*. Coimbra: Livraria Medina, 1981.
- SEARLE, John R. *Expressão e Significado: estudos da teoria dos atos da fala* (1975). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SEARLE, John R. Indirect Speech Acts. In: COLE, P. & Morgan, J. (Org.). *Syntax and semantics*. New York: Academic Press, 1975. p.59-82.
- SCHIFFRIN, Deborah. *Approaches to discourse* (1994). Cambridge: Blackwell Publishers, 1995.
- TANNEN, Deborah, Wallat, Cynthia. *Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação*. In: RIBEIRO, B.T., GARCEZ, P.M. (Orgs.) *Sociolinguística Interacional* (1987). São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 183-214.
- TSUI, Amy B.M. *English Conversation*. Oxford: Oxford University Press, 1994.